

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA

Lucy de Castro

A metodologia NEPSO no Ensino Fundamental: reflexões sobre a
coordenação pedagógica e a participação dos professores

Belo Horizonte
2019

Lucy de Castro

A metodologia NEPSO no Ensino Fundamental: reflexões sobre a coordenação pedagógica e a participação dos professores

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora: Danielle Alves Martins

Belo Horizonte

2019

C355m

Castro, Lucy de, 1964-

A metodologia NEPSO no ensino fundamental: [manuscrito]
reflexões sobre a coordenação pedagógica e a participação dos
professores / Lucy de Castro. - Belo Horizonte, 2019.

61 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Danielle Alves Martins

1. Educação. 2. Ensino fundamental – Métodos de ensino. 3.
Professores - Formação. 4. Educação – Métodos de ensino.

I. Título. II. Martins, Danielle Alves. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.71

Catálogo na Fonte: Biblioteca da FaE/UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO COTIDIANO
ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A metodologia NEPSO no Ensino Fundamental: reflexões sobre a coordenação pedagógica e a participação de professores”, do(a) aluno(a) **Lucy de Castro**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Danielle Alves Martins (orientador), André Augusto Deodato e Rodrigo Carlos Pinheiro. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 82,5, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Lucy de Castro
Lucy de Castro

Registro na UFMG: 2018749468

Danielle Alves Martins
Danielle Alves Martins

Professor(a) Orientador(a)

André Augusto Deodato
André Augusto Deodato

Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Rodrigo Carlos Pinheiro
Rodrigo Carlos Pinheiro

Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

RESUMO

O projeto proposto discorre sobre as múltiplas funções exercidas pela coordenação pedagógica e uma delas é a formação continuada do corpo docente, a qual, a meu ver, nem sempre é realizada efetivamente. O trabalho objetiva demonstrar que práticas diferentes das adotadas, tradicionalmente, pelo corpo docente, podem contribuir para a formação continuada dos professores(as), além de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Por meio da metodologia NEPSO (“Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião”), foi possível investigar o engajamento de estudantes e professoras ao participarem do desenvolvimento de uma nova prática. O programa se utiliza da pesquisa de opinião como um recurso pedagógico interdisciplinar. Propõe, ainda, por meio de tal abordagem, uma intervenção, na qual os estudantes são os pesquisadores, conferindo-lhes autonomia e autoconfiança. Reis (2018) argumenta que as experiências compartilhadas, quando a pesquisa é trazida para a sala de aula, podem promover uma atitude responsiva diante dessa atividade ética. Logo, o NEPSO consiste na escolha e qualificação de temas de interesse dos estudantes. No caso específico, de forma unânime, foi elegido o tópico temático “Bullying”. Tal investigação se desenvolveu em 2019, na Escola Municipal Geraldo Lopes e foi protagonizada pelos estudantes de uma turma do 8º ano. A pesquisa abordou, por meio de um questionário elaborado pelos próprios alunos, a participação de estudantes (de ambos gêneros) que já foram autores, vítimas ou espectadores do “Bullying”. A realização dessa prática pode contribuir para melhorar a aprendizagem em alguns conteúdos pertencentes a diversos componentes curriculares, dentre eles, a Matemática, tendo-se em vista a pesquisa quantitativa, e a Língua Portuguesa, com a melhoria da escrita, da leitura e da interpretação de textos dos alunos do 8º ano. Dentro desse contexto, nossas expectativas com o corpo docente, ao realizar uma prática nova, foram satisfatórias. Concluímos que, quando é desenvolvida uma prática alternativa com os alunos, cujo tema dialoga com a sua realidade, novos interesses são despertados, os quais, normalmente, são tangenciados à margem de um cotidiano pedagógico.

Palavras-Chaves: Coordenação Pedagógica. Protagonismo Juvenil.

ABSTRACT

This project treats the multiple functions performed by a school pedagogical coordination and its main function, i.e. the continuous training of the teaching staff, which is not always effective. This work aims at showing that different practices, when adopted traditionally by the teaching staff, can contribute to a continuous teachers' training, besides improving the students' learning process. Through a methodology called NEPSO ("Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião" – Our School Surveys Your Opinion), it was possible to investigate the students and teachers' engagement when participating in the development of a new practice. The program uses surveys as an interdisciplinary pedagogical resource. It is also proposed, through such approach, an intervention, in which students become researchers, thus giving them autonomy and self-confidence. Reis (2019) argues that sharing experiences, when the research is brought to the classroom, it can promote a responsive attitude regarding this ethical activity. In this specific case, the topic "Bullying" was chosen unanimously. Such investigation was carried out in 2019, in the Municipal School Geraldo Lopes and developed a group of 8th grade students. The survey approached, through a questionnaire the students formulated themselves, the participation of students (both genders) as bullies, victims or spectators of bullying. The implementation of this practice contributed significantly to minimize students' deficits in some of the contents present in many components of the curriculum, such as Math, when regarding the quantitative research, and Portuguese, through the improvement of writing, reading, and text interpretation skills by these 8th grade students. In this context, our expectations towards the teaching staff's adoption of a new practice were fulfilled. We conclude that when an alternative practice is developed with the students, and its theme dialogs with their reality, then new interests are awoken, which are normally tangent to the pedagogical routine.

Keywords: Pedagogical coordination. Youth protagonism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Depoimentos	31
FIGURA 2 – Reunião para a elaboração das perguntas do questionário	34
FIGURA 3 - Estudantes confeccionando os cartazes do Bullying, com o auxílio da coordenadora Heloisa	35
FIGURA 4 - Os estudantes organizando os cartazes, minutos antes da palestra ..	36
FIGURA 5 – Dia da palestra com os alunos do 5º ano	37
FIGURA 6 – Explicação sobre o Bullying	38
FIGURA 7 – Alunos do 5º ano, ouvindo atentamente os palestrantes	39
FIGURA 8 - Alunos aprendendo a calcular as porcentagens com os dados da pesquisa, como auxílio da professora Edna, de Matemática	41
FIGURA 9 – O aluno Igor expondo os dados coletados na pesquisa, para análise	42
FIGURA 10 – Gráficos confeccionados pelos alunos da turma 801	43
FIGURA 11- Exposição do trabalho no mural da escola	54

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Resultado numérico da pesquisa	41
TABELA 2 - Resultado percentual da pesquisa	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Evolução do trabalho	27
QUADRO 2 - Questionário Bullying.....	33
QUADRO 3 - Questionário com as professoras envolvidas no projeto.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Número de pessoas entrevistadas.....	58
GRÁFICO 2 - Números de pessoas entrevistadas.....	58
GRÁFICO 3 - Estudantes que praticaram o Bullying.....	59
GRÁFICO 4 - Estudantes que praticaram o Bullying.....	59
GRÁFICO 5 - Estudantes que foram vítimas do Bullying.....	60
GRÁFICO 6 - Estudantes que foram vítimas do Bullying.....	60
GRÁFICO 7 - Estudantes que atuaram como espectadores.....	61
GRÁFICO 8 - Estudantes que atuaram como espectadores do Bullying.....	61

LISTA DE SIGLAS

EMGEL	Escola Municipal Geraldo Lopes
NEPSO	Nossa Escola Pesquisa sua Opinião
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ONG	Organização Não Governamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1. Atuação docente e a coordenação pedagógica	18
3.2. Protagonismo Juvenil	21
3.3. Metodologia NEPSO - Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião	23
4. CONTEXTO E ASPECTOS METODOLÓGICOS	25
5. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	27
5.1. Descrição da intervenção	27
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	49
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58

1. INTRODUÇÃO

É sabido que é função da coordenação pedagógica despertar o interesse e o engajamento de estudantes e professores para participarem do desenvolvimento de práticas diferentes das adotadas tradicionalmente, tendo em vista que as práticas pedagógicas são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem. Faz se necessário, então, uma atenção especial na abordagem desse tema.

Além disso, é função da coordenação pedagógica a formação continuada do corpo docente, além de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, o coordenador pedagógico deve sempre inovar os projetos, mudar as estratégias de maneira significativa, para que a formação dos professores possa se tornar interessante e eficaz.

O(a) coordenador(a), por trabalhar fora das salas de aula, na maior parte do tempo, pode ter uma visão ampla dos projetos realizados e dos impactos que os mesmos poderiam causar no contexto escolar. Além disso, é possível observar o trabalho desenvolvido pelos professores, a participação dos estudantes, e, de maneira geral, todas as demais atividades desenvolvidas. Por isso, o(a) coordenador(a) é um elo entre o corpo docente e discente.

Uma questão a ser analisada será como a coordenação pedagógica pode atuar para potencializar a participação dos professores e alunos, propor atividades diferenciadas que promovam o interesse e o engajamento de ambos, desse modo favorecer a organização e a participação, buscando a resolução de conflitos que interferem na melhoria do ensino.

Nesse sentido, esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Geraldo Lopes (EMGEL¹). Essa escola localiza-se em uma zona de risco de Belo Horizonte, onde os moradores passaram por uma mudança da estrutura de suas moradias, residiam em casas e passaram a morar em prédios. Os estudantes dessa escola, em sua grande maioria, advêm dessa comunidade que passou por essa transição. Segundo a prefeitura de Belo Horizonte os

¹ O nome da escola é fictício.

moradores residiam em casas que possuíam infraestrutura insuficiente e após um projeto da mesma eles foram transferidos para um conjunto habitacional constituído por prédios no mesmo local. Ou seja, as casas foram demolidas e no mesmo local foram construídos os prédios. Diversos projetos caminham em direção ao tratamento de questões complexas dos estudantes desta comunidade, como a Justiça Restaurativa², com a intenção de minimizar conflitos.

Posso dizer que trabalhar em uma escola situada numa região onde a favela foi verticalizada é desafiador. A verticalização das vilas e favelas, muitas vezes gera em seus moradores o sentimento de desenraizamento de uma vivência na qual eles já tinham domínio dos combinados locais. Muitos dos alunos perderam espaços de socialização e lazer (mesmo que esses locais apresentassem de maneira precária) no qual eles já estavam habituados. Essas mudanças podem ser percebidas dentro do ambiente escolar, muitos dos nossos alunos sofrem com a identidade arranhada pelo estereótipo da pobreza, da violência e da marginalização. É muito complexo conciliar a experiência profissional com realidades tão diversas em relação: a cultura, aos costumes, valores etc.

Muitas vezes o sentimento de não pertencimento ao lugar de atuação profissional, pode gerar um distanciamento com a realidade dos alunos e com os conflitos que os professores enfrentam. Entretanto, quando é rompido às distâncias geradas por vivências múltiplas, cria-se um ambiente de grande possibilidade de transformação. Considerando o ambiente e o contexto onde a escola está inserida, é importante criar uma conexão com os professores, estudantes e a comunidade escolar. E uma maneira de romper esse obstáculo, na minha visão, é realizando projetos pedagógicos que envolvam os estudantes e a comunidade.

São muitos os obstáculos que os professores e a coordenação pedagógica enfrentam tanto no âmbito pedagógico como nas questões sociais dos educandos. Alguns alunos são indisciplinados e desrespeitosos, não respeitavam os professores, os funcionários da escola e nem os próprios colegas, aliás, alguns não têm respeito nem mesmo pelos seus responsáveis.

A coordenação pedagógica democrática deve estimular os funcionários, os estudantes e professores na busca por uma escola diversa que questione a própria realidade na busca de uma educação libertária.

Poderíamos dizer que a coordenação pedagógica e articuladora do projeto político-pedagógico, organizando a reflexão, a participação e os meios para a concretização do mesmo, de tal forma que a escola possa cumprir sua tarefa de propiciar que todos os alunos aprendam e se desenvolvam como seres humanos plenos, partindo do pressuposto de que todos têm direito e são capazes de aprender (VASCONCELOS, 1956, p.87).

Atualmente muitos profissionais estão fechados em pensar pedagogicamente e cientificamente as suas práticas educacionais e com isso muitos perdem o interesse de lecionar, pois muitas vezes caem na mesmice reproduzindo suas aulas ano após ano. É necessário propor novas práticas e desafios, atuar como facilitador da aprendizagem, propondo ideias e alternativas inovadoras que ajudem a minimizar os problemas de ensino-aprendizagem. No entanto, os coordenadores têm que lidar, muitas vezes, com um cenário que pode dificultar o desenvolvimento de uma nova prática, como: professores fatigados e as vezes desmotivados, desinteresse de alguns alunos, processos burocráticos que demandam muito tempo e que impedem que os(as) professores(as) criem parcerias em projetos ou atividades diferentes das desenvolvidas no cotidiano. A elaboração de projetos que rompam com a dinâmica de ficar somente na sala de aula pode proporcionar uma maior proximidade entre professores, gestores e alunos com isso pode melhorar a indisciplina, minimizando os principais motivos que levam ao desencantamento, esgotamento físico e mental dos professores. Se faz necessário que o(a) professor(a) acolha seu aluno, considerando as suas diferenças, estabelecendo um vínculo de confiança que favoreça a formação e o aprendizado do indivíduo.

Acredita-se que a principal função da coordenação seria a formação continuada dos docentes e garantir a um ensino de qualidade.

Historicamente, no Brasil, a existência da coordenação pedagógica está diretamente relacionada à supervisão educacional, cuja ênfase residia no controle do fazer docente como meio de garantir uma suposta qualidade do ensino, sendo marcada, portanto, ora por ações de inspeção ora por ações de cunho assistencialista. Sua origem, historicamente conflituosa, tem contribuído positivamente para uma

atitude permanente de questionamento das práticas cotidianas de modo a (re)significar a presença e responsabilidades do coordenador pedagógico (CP) no contexto educacional (RIVAS, 2007, p.03).

Por meio de conversas informais com os(as) professores(as), foi possível constatar os desencantamentos e desânimo do corpo docente em relação ao desenvolvimento dos projetos e aulas diferenciadas, principalmente por conta da indisciplina e a dificuldade dos estudantes. Na fala dos professores foi possível identificar que, para eles, os estudantes não se interessam por nenhum assunto. Bastos (2019) também aponta questões nessa direção:

Venho me deparando com situações de relatos e queixas por parte dos professores(as), de diferentes disciplinas, sobre os seus sentimentos de frustrações, insegurança e desajustamentos em relação ao seu trabalho naquela escola (BASTOS, 2019, p.12).

Entretanto, cada escola tem suas particularidades, e, no caso da Escola Municipal Geraldo Lopes, como já dito anteriormente, os estudantes possuem, muitas vezes, o sentimento de não pertencimento com o espaço escolar. Quando são questionados sobre o que a escola e o estudo representam para eles, as respostas são diversificadas. Devido à realidade em que vivem fora dos muros da escola, em situação de vulnerabilidade social, é difícil: construir um significado positivo para a escola; fazer o estudante entender o sentido de estar na escola; o estudante perceber a escola como uma possibilidade de mudança. Uma das formas de enfrentar essas dificuldades é construir práticas que tenham algum significado para os estudantes, práticas novas, diferentes das habituais que tenham se mostrado ineficientes.

Para o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica, três professoras foram convidadas a participar de uma metodologia nova no contexto da escola: o NEPSO - Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião. A partir dessa metodologia diferenciada foi analisada a participação dos professores e dos estudantes. Isso levando em conta, as diferentes demandas da coordenação.

Essa tarefa de coordenar o pedagógico não é uma tarefa fácil. É muito complexa porque envolve clareza de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Como toda ação

pedagógica, esta é uma ação política, ética e comprometida, que somente pode frutificar em um ambiente coletivamente engajado com os pressupostos pedagógicos assumidos (FRANCO, 2008, p.128).

Dentro desse contexto foi desenvolvida, junto as professoras e estudantes, a metodologia NEPSO (“Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião”). Esse projeto poderia potencializar a participação dos professores e o interesse dos alunos, onde eles seriam os protagonistas, escolhendo um tema de interesse deles para ser desenvolvido.

A partir das questões apresentadas, este trabalho está organizado em sete seções. Na primeira seção, introduzo o assunto destacando os motivos que me levaram a construir este trabalho. Já na segunda seção, apresento o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho. Na terceira seção, apresento uma discussão sobre a metodologia NEPSO, a coordenação pedagógica e o protagonismo juvenil. Já na quarta, descrevo o contexto e os aspectos metodológicos da pesquisa. Na quinta, descrevo o desenvolvimento da intervenção. Na sexta, apresento as discussões do trabalho, e, por fim, na sétima as considerações finais.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Investigar o engajamento de alunos e professores ao participarem do desenvolvimento de uma prática orientada pela metodologia NEPSO - Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião.

Objetivos específicos:

Descrever o desenvolvimento da metodologia NEPSO;

Descrever e analisar a participação dos alunos e dos professores.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Atuação docente e a coordenação pedagógica

São muitos os fatores que levam educadores a vivenciar um sentimento denominado por mal-estar docente. Lima e Carvalho (2013) afirmam que isso ocorre em virtude da intensificação do ritmo de trabalho, o que antes se referia apenas em ensinar disciplinas, assume outras funções como assessoramento psicológico, hábitos de saúde e higiene, além da falta de autonomia, pouca infraestrutura do ambiente escolar, relações conturbadas com familiares e alunos, a baixa remuneração, desqualificação social, psicológica e biológica dos docentes. Isso acaba gerando um desgaste na profissão e um sentimento de desprofissionalização, causando mal-estar docente e pouca qualidade de vida. Nesse sentido, Rocha e Fernandes (2008) corroboram com essas ideias ao afirmar que

As características mais estressantes do trabalho docente são: trabalho repetitivo, intensa concentração em uma mesma tarefa por um longo período, volume excessivo de trabalho, ritmo acelerado, interrupção das tarefas antes de serem concluídas, tempo insuficiente para realização das tarefas, falta de interesse dos colegas de trabalho, exposição a hostilidades, conflitos com colegas de trabalho e inexistência de processo democrático (ROCHA; FERNANDES, 2008, p.27).

Percebo que esses fatores apontados pelos autores citados acima, vão ao encontro da realidade que é observada na Escola Municipal Geraldo Lopes. Entretanto, a coordenação pedagógica pode atuar para amenizar essas questões. A coordenação pedagógica, por exemplo, pode buscar tecer uma teia entre as relações sociais, profissionais e educacionais dentro de uma escola. Pode também buscar contribuir para a formação continuada do corpo docente, desenvolvendo novos projetos, e, com isso, fazer da escola um ambiente mais atrativo, interessante e harmonioso. Mas alguns fatores nos dificultam de realizar com êxito nossas propostas.

Oprimidos pelas urgências da prática e oprimidos pelas carências de sua formação inicial, encontram-se dilacerados frente aos imediatos afazeres de uma escola que, na maioria das vezes, caminha sem projetos, sem estrutura, apenas improvisando soluções a curto prazo, de forma a sobreviver diante das demandas burocráticas (FRANCO, 2008, p.119).

Outros fatores, levantados pelos professores, que escuto diariamente, são: desrespeito com o professor, desinteresse dos alunos, dificuldade na aprendizagem, indisciplina em sala de aula, excesso de trabalho, salário baixo, pressão do sistema educacional, formação inicial deficiente, formação continuada ineficiente, violência, demanda de pais de alunos, bombardeio de informações, desgaste físico, a falta de reconhecimento de sua atividade e principalmente o tratamento desrespeitoso de alguns alunos com os professores. Considerando essas questões, gostaria de destacar que:

O ambiente escolar reflete e reproduz a sociedade, ao naturalizar as ações sociais que caracterizam o modelo de sociedade. A naturalização ocorre mediante o processo de interiorização e faz com que a subjetividade se traduza em formas de relacionamentos e auto-percepções (MARTINS, 1996, p.7).

Ou seja, a escola é um reflexo da realidade. Podemos dizer que as questões citadas acima também passam pelo coordenador pedagógico, e, nesse sentido estar coordenador é enfrentar diariamente os conflitos entre alunos/professores, professores/direção, família/escola, professores/professores. Isso, muitas vezes, pode levar a um sentimento de impotência e frustração de não conseguir realizar o trabalho com êxito e sucesso.

Insatisfeita com a situação e ciente das necessidades básicas de aprendizagem, o papel da coordenação é promover elementos estratégicos e táticos na escola, como descreve. Algumas funções de competência da coordenação pedagógicas são:

Acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação; fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional; Promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo; Estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem (PILETTI, 1998, p,125).

Sendo assim, um cargo tão amplo como o de um Coordenador Pedagógico proporciona, além de variadas e importantes funções, uma grande diversidade de benefícios ao ambiente escolar, pois “estar” coordenador é enfrentar diariamente novas funções e desafios.

São muitas as atribuições do coordenador pedagógico, porque é um cargo de suma importância no ambiente escolar, tendo em vista que ele promove a integração dos indivíduos que fazem parte do processo ensino-aprendizagem, estabelecendo, de forma saudável, as relações interpessoais entre os envolvidos. É um profissional que atua entre a direção e os educadores, mas também se relaciona com os alunos e os familiares.

De acordo com a Secretaria Municipal de educação de Belo Horizonte, por meio do decreto nº 17.005, de 31 de outubro de 2018, na perspectiva de consolidar esse cargo na escola, apresenta as atribuições que devem ser exercidas pelo coordenador pedagógico.

Art. 3º – São atividades das funções públicas comissionadas de Coordenador Pedagógico Geral I e de Coordenador Pedagógico Geral II, nos termos do parágrafo único do art. 14 da Lei nº 11.132, de 2018:

I – responsabilizar-se pelos processos de gestão da frequência escolar, da permanência, da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes;

II – responsabilizar-se pela articulação entre os diversos programas e projetos educacionais desenvolvidos na unidade escolar;

III – planejar e organizar os conselhos de classe de cada nível ou modalidade de ensino como instância máxima dos processos avaliativos;

IV – coordenar as ações de formação continuada para professores;

V – articular, em conjunto com a equipe de coordenação pedagógica da unidade escolar, o planejamento participativo da gestão pedagógica, com vistas à promoção da aprendizagem e da permanência dos estudantes;

VI – participar de cursos de atualização e aperfeiçoamento promovidos ou ofertados pelo Poder Executivo;

VII – responsabilizar-se por outras atividades que, em virtude de sua natureza ou de disposições regulamentares, estejam circunscritas ao âmbito de sua competência;

VIII – apoiar as ações instituídas na unidade escolar com vista à construção coletiva do projeto político pedagógico da unidade escolar e coordenar sua execução e permanente atualização;

IX – apresentar estudos, relatórios ou dados relativos aos processos de avaliação demandados pelo diretor da unidade escolar;

X – zelar pelo atendimento à comunidade escolar nas questões relativas à atividade educacional e à vivência escolar dos educandos;

XI – apoiar o diretor nas atividades administrativas e substituí-lo, em sua ausência, nas Emeis em que não houver vice-diretor;

XII – desenvolver outras atividades definidas em regulamento próprio ou que, em virtude de sua natureza, estejam circunscritas ao âmbito de sua competência (parágrafo único do art.14 da Lei nº 11.132, de 18 de setembro de 2018).

Nessa direção, um conceito importante deste trabalho é a coordenação pedagógica. É de responsabilidade da coordenação pedagógica.

Atividades pedagógicas, promover ações de desenvolvimento profissional, articular-se com a comunidade, avaliar os processos e os produtos, manter o fluxo de informações, além de otimizar as diretrizes dos órgãos centrais-secretarias municipais e estaduais de educação (RIVAS, 2007, p 110).

Diante de tantas responsabilidades torna-se necessário a coordenação pedagógica cuidar e orientar os docentes em suas práticas viabilizando o ensino-aprendizagem. Quanto a transformação dos docentes diante de uma nova prática, me apoio em Franco (2008, p.129) que diz: “A escola só mudará quando os educadores, em coletivo, perceberem que a escola pode e deve ser outra”.

3.2. Protagonismo juvenil

A palavra protagonismo é constituída por duas raízes gregas: proto, que significa "o primeiro, o principal"; agon, que significa "luta". Agonistes, por sua vez, significa "lutador". Protagonista quer dizer, então, lutador principal, personagem principal, ator principal. O jovem deve começar então, em face do protagonismo a ser aceito como solução, e não como problema.

Neste trabalho assumo como ponto central a necessidade de compreender que os estudantes são fundamentais para pensar numa escola na qual os consideram sujeitos criativos e ativos na construção da proposta pedagógica da escola e sem eles não será possível vencer as barreiras impostas pela violência e pela miséria, no âmbito da convivência escolar.

O protagonismo pode criar no ambiente escolar de maneira positiva novos olhares tanto no processo educacional e intelectual, na formação

política, na qualificação dos relacionamentos interpessoais, na superação da violência contra a criança, o jovem, a mulher (nas suas diversas práticas), na busca da solidariedade e da cidadania.

A meu ver, grande porcentagem dos estudantes da EMGEL, se sentem inseguros dentro e fora da escola. Um dos motivos é a violência que esses adolescentes sofrem na própria casa, muitos vivem em conflito com seus familiares, devido às drogas, a fome, a violência doméstica contra a mulher, o machismo estrutural da sociedade, a estrutura familiar disfuncional e tudo isso acaba refletindo dentro da escola que leva impactos imediatos como: a dificuldade na aprendizagem, indisciplina, autoestima baixa, depressão, envolvimento com venda ou uso de drogas, desrespeito com os profissionais e com os próprios colegas da escola, em destaque o Bullying, que, conforme mostrarei a seguir, é o objeto central da pesquisa realizada por meio do NEPSO.

Percebo também, pela minha experiência, que na EMGEL que as meninas são mais violentadas, verbalmente e emocionalmente que os meninos e que isso pode afetar em relação a questões de insegurança. Aliado a insegurança está o desinteresse dos estudantes em aprender os conteúdos preestabelecidos pelos órgãos e pelas legislações educacionais vigentes, tanto municipal, estadual e federal. Entretanto,

[...] a escola não pode mais limitar-se à transmissão de um programa de conhecimentos enciclopédicos, temporariamente retidos pelos alunos, mas deve, em primeiro lugar, organizar e gerenciar o fluxo contínuo de conhecimentos para que esses possam ser mobilizados na resolução de problemas e entendimento de situações que fazem parte da realidade atual (GIORDAN e Vecchi *apud* PEDRANCINI, CORAZZA-NUNES *et al.*, 2008, p.136).

O grande desafio é desenvolver um trabalho criativo com propostas inovadoras onde esses estudantes tenham espaço para criar e que eles sejam os protagonistas.

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, 2001, p.179).

A concepção de protagonismo juvenil utilizada neste trabalho é proposta e estimulada por Costa (2000), como sendo uma possibilidade concreta do desenvolvimento e exercício da cidadania, ao mesmo tempo em que se volta ao sujeito, em relação à formação da identidade, autoconceito e autoestima, que são componentes importantes para a formação da identidade e autonomia.

Durante todas as etapas da pesquisa os estudantes estavam sempre em destaque, essa posição que eles ocuparam foi de grande importância para a realização e concretização da pesquisa, sendo assim concordo com a autora que é importante:

Criar oportunidades e estratégias para que o estudante participe, com opiniões, sugestões e avaliações, do processo de planejamento do trabalho docente é uma forma de tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais significativo para ambos (constam dessas oportunidades espaço nos planos de ensino para unidades decididas pelo grupo, disciplinas eletivas, cuja temática seja construída a partir de sugestões e necessidades dos alunos; espaços para ouvi-los, sistematicamente, a respeito do processo escolar que estão vivenciando, entre outras) (ORSOLON, 2006, p.24)

3.3. Metodologia NEPSO - Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião

A metodologia do NEPSO foi utilizada por trabalhar dentro da realidade da escola pública e por ser uma prática diferente para despertar o interesse docente e discente.

O programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO) foi criado em 2000 a partir da parceria entre o Instituto Paulo Montenegro – vinculado ao IBOPE – e à ONG Ação Educativa. O programa NEPSO tem como principal objetivo promover projetos que envolvem a pesquisa de opinião como um instrumento pedagógico (ARAUJO; DEODATO, 2014, P.1)

Essa metodologia consiste na disseminação do uso da pesquisa de opinião como instrumento pedagógico em escolas públicas de ensino regular fundamental e médio e em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com ARAÚJO E DEODATO,

A metodologia proposta pelo NEPSO vai ao encontro dessa necessidade de formação de leitores, aliando-a a formação de pesquisadores. Atividades de pesquisa já são, há algum tempo, comuns no cotidiano das escolas. Em geral, trata-se de uma busca por informações específicas que são organizadas e apresentadas na forma de trabalhos, exposições e apresentações. A pesquisa de

opinião é um tipo específico de pesquisa muito presente no cotidiano fora da escola. Esse tipo de pesquisa é muito utilizado para saber o posicionamento de uma dada população considerando os mais variados objetivos. (ARAÚJO; DEODATO, 2014,P.3)

Para desenvolver este estudo, participaram três professoras de diferentes áreas, Matemática, Ciências e História, que contribuíram para a realização de um trabalho interdisciplinar. Ademais, a pesquisa foi protagonizada por estudantes do 8º ano do ensino fundamental II.

O programa NEPSO segue as seguintes etapas:

- Definição do tema - Os estudantes escolhem alguns temas e a partir daí, realiza-se uma votação para verificar qual será o assunto pesquisado;
- Qualificação do tema - Após a escolha do tema, faz-se uma pesquisa sobre o assunto, aprofundando o conhecimento com textos, palestras, filmes e debates;
- Identificação da população e definição da amostra - Por meio de rodas de conversa foi discutido onde seria realizada a pesquisa;
- Elaboração do questionário - Elaboram-se as perguntas que farão parte da pesquisa de opinião, a ser aplicada em determinado público;
- Planejamento e execução do trabalho de campo - Etapa crucial da pesquisa, momento em que os estudantes protagonizaram, atuaram como pesquisadores;
- Tabulação e processamento dos dados - Cálculo de porcentagens e construção dos gráficos e tabelas;
- Análise, interpretação e apresentação dos resultados - Nesse momento podem-se sugerir algumas ações ou metas para melhorar ou resolver possíveis problemas aferidos em relação ao tema pesquisado.
- Divulgação dos questionários. A divulgação será realizada no dia da entrega dos boletins, é um momento que a comunidade estará presente na escola.

4. CONTEXTO E ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é de natureza qualitativa. Ele configura-se como uma pesquisa de caráter descritivo exploratório, onde a técnica de observação utilizada foi a observação participante. Também foram desenvolvidas entrevistas com as professoras participantes. Com a intenção de alcançar os objetivos foi desenvolvido junto aos professores e estudantes o projeto NEPSO.

Esse trabalho foi realizado nos meses de abril a setembro de 2019. Os registros da observação foram feitos em um diário de campo, com anotações semanais, após o acompanhamento do NEPSO. Também foi utilizado o caderno de campo depois das reuniões com as professoras envolvidas no projeto.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Geraldo Lopes, situada próxima a Vila São José. Participaram do desenvolvimento da pesquisa 25 alunos de uma turma do 8º ano do ensino fundamental II e três professoras de diferentes áreas; Ciências, História e Matemática.

A Escola Municipal Geraldo Lopes está situada no Bairro Jardim São José, na região noroeste de Belo Horizonte, considerada uma zona de risco social, que abriga uma população carente.

O bairro, que passou por um processo de transformação urbana entre 2003 e 2010, foi um dos pioneiros do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento - onde a favela foi verticalizada. Foram beneficiadas 2.400 famílias, com a construção de 88 blocos com 1408 apartamentos. A obra, além das moradias incluiu também saneamento básico e pavimentações, pois os moradores da vila São José viviam em área de risco social. A diretora do departamento de infraestrutura do PAC, diz que quando uma obra na dimensão que foi realizada na Vila São José, concomitantemente é feito um trabalho social para que os moradores se adaptem a nova realidade. Foram feitos trabalhos de educação ambiental, como coleta seletiva e reciclagem.

Até hoje é uma região com elevado índice de violência e tráfico de drogas, entre outros problemas estruturais. A escola atende em média, no ensino regular, cerca de 500 estudantes crianças e adolescentes, com idade de 06 a 14 anos e estudantes da Educação de Jovens e Adultos, sendo a maioria deles moradores do Bairro Jardim São José.

Os estudantes, em sua maioria, têm contato direto com a realidade violenta do bairro e potencializa situações de indisciplina no ambiente escolar o que quase sempre causa uma impressão negativa para o corpo docente num primeiro e superficial contato. É importante destacar que essa impressão negativa se modifica na medida em que o processo educativo ocorre, mesmo que de forma lenta, para uma visão e perspectiva menos desalentadoras. Para tanto é sempre necessária uma constante revisão das práticas socioeducativas e pedagógicas da instituição (feita pela Direção, Coordenação Pedagógica e Corpo Docente). O prédio da escola é pequeno com apenas uma quadra coberta, um pátio pequeno, 10 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de arte, uma sala de informática, sala dos(as) professores(as), sala da coordenação, secretaria e direção. Nesta escola tem também o programa de Escola Integrada, que é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte que visa atender os estudantes em período integral.

5. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Conforme já dito anteriormente, a intervenção foi realizada baseada na metodologia NEPSO. Por isso, as etapas da metodologia foram fundamentais para organização e desenvolvimento do trabalho. A seguir, apresento uma tabela que mostra a sequência cronológica que aconteceu o trabalho e, em seguida, descrevo com cuidado o desenvolvimento da pesquisa.

QUADRO 1 - Evolução do trabalho

Data/Período	O que aconteceu
16/mar	Escolha do tema
18/03 até 22/03	Pesquisa e qualificação sobre o tema
25/03 até 31/05	Estudo, debates, rodas de conversas, depoimentos sobre o Bullying
01/06 até 15/06	Elaboração do questionário
18 e 19/06	Questionário teste com os alunos do 9º ano da EMGEL
24 e 25/06	Modificação do questionário
27/06 até 12/07	Treinamento com os estudantes pesquisadores
19/08 até 26/08	Confecção de cartazes e preparação dos estudantes palestrantes e pesquisadores
28/ago	Palestra e entrevistas com os estudantes das três turmas do 5º ano da EMGEL
02/09 à 13/09	Análise, tabulação e interpretação dos resultados
16 e 17/09	Elaboração das tabelas e gráficos
27/09	Divulgação dos resultados

Fonte: Elaborada pela própria autora, 2019.

5.1. Descrição da intervenção

De início, foi realizada uma sondagem com algumas professoras e professores para saber quais estavam dispostos(as) a fazerem parte do trabalho. A primeira que foi convidada foi a professora de matemática, devido a metodologia que seria adotada (NEPSO), que necessita de bom conhecimento para trabalhar com gráficos e porcentagem. Logo depois foram convidadas, as professoras de Ciências e a de História, estas professoras ficaram bastante interessadas.

Os demais professores não manifestaram interesse em participar da proposta, sendo que alguns já estavam envolvidos em outros projetos. A princípio, foi realizada uma reunião com as professoras que participariam do projeto, foi explicado como seria desenvolvido o trabalho e foi apresentado o programa NEPSO: como foi criado o NEPSO e suas etapas e seus objetivos. Isso porque nenhuma das três professoras conhecia a metodologia. Em seguida, discutimos em qual turma poderia ser a realização do trabalho e entreguei para elas um questionário com perguntas básicas sobre o perfil das turmas, do tipo:

- Número de alunos:
- Os alunos são participativos nas aulas? () sim () não () às vezes
- Tem boa disciplina? () sim () não () às vezes
- Fazem atividades extra-classe? () sim () não () às vezes
- Sabem ouvir e respeitar a opinião dos outros? () sim () não () às vezes
- Tem interesse de participar de um projeto? () sim () não () às vezes

A partir das repostas obtidas, a turma sugerida foi uma do 8º ano, turma 801. As professoras acharam que era a melhor turma para desenvolver o trabalho, por ser uma turma mais participativa. Segundo relatos das

professoras, os estudantes da turma 801 são participativos, porém não estão habituados a fazer pesquisa fora da escola, aliás, os alunos da Escola Municipal Geraldo Lopes, não tem o hábito, muitas vezes, de realizar o “Para Casa” proposto pelos professores.

A professora de História iniciou o trabalho para a escolha do tema. Esta primeira etapa do projeto teve início logo após o massacre ocorrido na escola da cidade de Suzano², em São Paulo, no mês de março deste ano. Os estudantes da EMGEL ficaram bastante impressionados pelo alto nível de violência desse massacre e o assunto tomou conta das salas de aula por pelo menos duas semanas, de forma intensa. Muitos chegaram a relatar que mesmo vivendo em meio à violência, nunca tinham imaginado que algo assim pudesse acontecer dentro de uma escola. Dentro da Escola Municipal Geraldo Lopes, os alunos se sentem relativamente seguros e ficaram perplexos, porque o ato foi praticado dentro de uma instituição de ensino. Houve um grande questionamento da parte deles sobre o que teria levado dois jovens a tramar a morte fria e aleatória de profissionais e jovens inocentes.

Após levantar várias possibilidades, dentre elas destacou-se o Bullying como um provável motivo para levar estudantes em diferentes realidades e situações a promoverem atos vingativos carregados de violência extrema contra colegas dentro da escola. Surgiram outros temas, todos de alguma forma ligados à violência: homofobia, pedofilia, violência contra as mulheres e contra os idosos e Bullying. Sendo assim, democraticamente, fizemos uma votação e a maioria decidiu pelo Bullying.

Na semana seguinte, após a escolha do tema Bullying, a professora de Ciências iniciou a próxima etapa, a qualificação do tema, por meio de uma roda de conversa. Eles começaram a falar e refletir sobre seus conhecimentos prévios sobre o Bullying e propor questionamentos. Deixando os alunos falarem livremente sobre o tema escolhido. A professora foi analisando, aprofundando e sondando o que eles sabiam sobre o Bullying. Neste mesmo dia, a professora de Ciências, pediu para os alunos pesquisarem sobre o tema

² Caso de violência ocorrido em uma escola do estado de São Paulo. Mais informações podem ser obtidas em: <https://istoe.com.br/o-massacre-de-suzano/>. Acesso em 12 de Nov. de 2019.

e que levasse na próxima aula, com o objetivo de aprofundar sobre o assunto e esclarecer algumas dúvidas.

Infelizmente, nenhum aluno pesquisou. A professora estendeu o prazo, no entanto nenhuma pesquisa foi realizada pelos estudantes. A partir dessa situação, a professora Isabela me chamou até a sala e decidimos que eles iriam até a biblioteca procurar alguns livros relacionados com o tema. Descobriram uma coleção de livros sobre vários tipos de Bullying. Levamos os mesmos para a sala de aula e os alunos foram divididos em grupo para ler o livro recebido e discutir situações que do ponto de vista delas fossem interessantes. Depois cada um comentou sobre o que leu.

Como coordenadora, senti a necessidade de ter uma participação mais ativa. Nesse sentido, resolvi então pesquisar na internet sobre o Bullying e fiz um resumo com os seguintes tópicos: O que é Bullying? O que não é Bullying? É um fenômeno recente? O que leva o autor do Bullying a praticar? O espectador também participa do Bullying? Fiz uma pequena apostila e pedi para a professora Isabela³ para trabalhar com os alunos. Durante duas aulas, os alunos foram lendo em voz alta e a professora quando necessário fazia uma intervenção para melhores esclarecimentos.

No próximo encontro no dia 15 de maio, durante a aula de Ciências, a professora Isabela pediu para que eles escrevessem em uma folha avulsa, se já haviam sofrido Bullying. No início eles ficaram constrangidos, então a professora falou que não precisava identificar. Quase todos deram depoimentos. A seguir, apresento um dos depoimentos.

³ Nome fictício da professora de Ciências.

FIGURA 1 - Depoimentos

Sempre ~~ótavio~~ sofria Bullying Na Escola Chamavam ele de gay viado, saca solha, Mamado de virada e boca de gelo chegado um dia que ele não aguentou mais e empurrou a menina e o Menino do Florro e Nunca mais mecheram com ele.

Isto ocorre sempre mais hoje ele já superou ^{acha que} pois ainda é incomoda, de vez em quando chora quando é chamado de nomes acima

Em vez em quando ele se irrita e desconta a raiva Na outras pessoas mais ele se tocou e percebeu que isso é errado

Esta semana recebi várias reclamações de Otávio. Alguns colegas reclamam que ele pratica o Bullying. Fico sem entender como que uma pessoa que sofre Bullying e sabe o quanto é ruim praticar com outros colegas.

Fonte: Elaborado por um dos estudantes.

Na semana seguinte, no dia 20 de maio, fui para sala de aula junto com a professora Isabela para debatermos sobre o assunto com os alunos. Neste dia os alunos da 801 estavam muito agitados. Decidimos, eu e a Isabela, em dividir a turma em dois grupos. Sai com 12 alunos para o pátio e Isabela ficou com 13 alunos em sala. No pátio da escola começamos a falar das pessoas que participavam como espectadoras do Bullying, já que a Isabela já havia falado do autor e da vítima do Bullying. Perguntei como era a reação deles quando presenciavam o Bullying e as respostas foram variadas:

- Fiquei sem ação, não sabia o que fazer.
- Fico rindo, acho engraçado.
- Não faço nada, fico com medo de sobrar para mim.
- Não “tô” nem ai, eles fazem comigo também.
- Faço nada, eles só fazem bullying com os bobos.
- Eu parto para briga (Caderno de campo).

Vale ressaltar que, a meu ver, o trabalho com pequenos grupos teve resultado melhores. Ressalto também que durante todo o processo eu e as professoras tentamos envolver toda a turma no desenvolvimento da pesquisa.

No próximo encontro, no dia 27 de maio, durante a aula de Ciências, eu e a professora Isabela resolvemos dividir novamente a turma. Os estudantes da turma 801 sugeriram que fizéssemos a pesquisa em outra escola, por acharem que na própria escola os alunos não responderiam com honestidade as perguntas, pois teriam vergonha. Apresentei para a turma um questionário pronto do programa NEPSO, para que os mesmos tivessem uma melhor noção do que é um questionário. No dia 01 de junho, reuni novamente com os estudantes da turma, conversamos e eles elaboraram as perguntas do questionário. Uma estudante ficou com os rascunhos e levou o material para digitar.

O questionário destinado aos estudantes da Escola Municipal Geraldo Lopes, do turno da manhã e tarde, composto de 14 questões, abertas

e fechadas, subdivididas ou não, abordando as seguintes situações: Se sabem o que é o Bullying, se já praticou, se já foi vítima ou espectador e se esse assunto é discutido na escola e com qual frequência. A seguir, segue a primeira versão do questionário.

QUADRO 2 - Questionário bullying

EMGEL - Escola Municipal Geraldo Lopes

Prezado(a) entrevistado(a), nós estudantes da Escola Municipal Geraldo Lopes estamos realizando uma pesquisa de opinião sobre o **bullying**. Você poderia colaborar com suas respostas? **Caso o entrevistado não concorde, agradeça e encerre a entrevista.**

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Qual é a sua idade? _____ anos
3. Em que ano você está?
() 6º () 7º () 8º () 9º
4. Você sabe o que é bullying? () sim () Não
4. Você já sofreu bullying? () Sim () Não
4. Se a resposta foi sim, o que você sentiu na hora? _____
 - Qual foi sua reação? _____
 - Você já praticou o bullying? () Sim () Não
 - Se sim, quantas vezes? () poucas () mais de 10 () sempre
 - Você arrependeu depois? () Sim () Não
11. Você sabia que o espectador também participa do bullying? () Sim () Não
12. Você já foi espectador do bullying? () Sim () Não
13. O bullying é um assunto discutido em sua escola?
() Sim, sempre conversam sobre isso.
() De vez em quando
() Só quando acontece o bullying
() Nunca
14. Como evitar o Bullying? _____

FIGURA 2 - Reunião para a elaboração das perguntas do questionário.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Entretanto, para testar o questionário selecionei alguns estudantes para entrevistar os alunos do 9º ano e percebemos que alguns estudantes não sabiam de fato o que realmente é o Bullying, tinham uma ideia equivocada do Bullying e nem sabiam que o espectador também participava do Bullying. Perceberam então, que antes de iniciar o questionário fazia-se necessário uma breve explicação sobre o Bullying.

Logo que terminou o teste e após os ajustes necessários no questionário, orientei aos estudantes para procurar a direção da Escola Municipal Geraldo Lopes e pedir um ofício para irmos a escola vizinha para a realização da pesquisa e houve uma mudança de planos. A equipe pedagógica relatou que os estudantes do 5º ano do turno da tarde, da própria escola, estavam praticando Bullying. Resolvemos atuar na nossa escola mesmo. Os estudantes então elaboram os cartazes, prepararam a palestra e planejaram e o trabalho no campo de pesquisa. Combinaram o dia para a execução do trabalho. Fizemos um bilhete direcionado aos pais, para deixarem os estudantes permanecerem na escola no turno da tarde para a execução do projeto.

Sendo assim, os estudantes assumiram o papel principal da pesquisa. A partir deste momento saí e cenei. Eles eram os protagonistas e deveriam tomar as decisões. Marcaram o dia e horário com a coordenadora geral da escola. Apenas seis alunos puderam fazer parte desta etapa do trabalho, pois estes estudantes deveriam ficar no turno da tarde para realizarem a palestra e fazer as entrevistas. Por vários motivos, como compromissos familiares, consultas médicas marcadas ou porque não tinham como ir embora mais tarde, não puderam atuar nesta etapa.

FIGURA 3 - Estudantes confeccionando os cartazes do Bullying, com o auxílio da coordenadora Heloisa



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

No dia da execução, duas estudantes realizaram a palestra, esclarecendo o que realmente é o Bullying, explicaram o papel do espectador e relataram alguns casos sobre o Bullying antes de aplicar os questionários. A aplicação dos questionários e as palestras foram protagonizadas pelos alunos. Neste dia eu e a professora Isabela acompanhamos apenas como espectadoras, observamos cada ação, eles se organizaram e fizeram uma divisão de tarefas.

FIGURA 4 - Os estudantes organizando os cartazes, minutos antes da palestra



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Resolveram entre eles, as professoras do 5º ano e a coordenadora que realizariam as palestras para quatro grupos de 15 alunos e logo após aplicariam o questionário. Duas estudantes atuaram como palestrantes, dois aplicaram os questionários e outras duas buscavam e entregavam os alunos do 5º ano nas salas de aula. Foi admirável o desempenho desses estudantes, percebi que eles se sentiram empoderados, o jovem protagonista:

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa, é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, 2001, p.179).

FIGURA 5 - Dia da palestra com os alunos do 5º ano



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

FIGURA 6 - Explicação sobre o Bullying



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

FIGURA 7 - Alunos do 5º ano, ouvindo atentamente os palestrantes.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Vale ressaltar como foi interessante observar a mudança de papel dos estudantes. Neste dia eles estavam atuando como professores(as), organizando os alunos, tentando manter a disciplina. Foi notório o engajamento deles, para obter sucesso na palestra, ficaram irritados com alguns alunos indisciplinados que com brincadeiras indevidas tentavam atrapalhar o grupo, respondendo com ironia os questionamentos.

Neste dia foram aplicados quarenta e oito questionários. Esta etapa do trabalho superou as expectativas. Os estudantes chegaram à conclusão que o trabalho estava apenas começando e que logo após a tabulação dos dados e a elaboração dos gráficos devemos retornar para apresentarmos os resultados e que deveríamos ampliar para os outros anos.

Foi admirável os próprios estudantes concluir que para o sucesso de um trabalho a disciplina é essencial. Aquelas turmas, em que os estudantes prestaram mais atenção e só interrompiam para tirar suas dúvidas, sem brincadeiras indevidas, teve um melhor aproveitamento. E eles fizeram uma

analogia com as suas aulas e que tentariam mudar de postura, podendo assim, possivelmente melhor o ensino-aprendizagem.

Para obter um número expressivo de questionários os estudantes continuaram as palestras no turno da manhã e a coleta de dados foi realizada com alunos do 7º ao 9º ano e também cada aluno levaria cinco questionários para entrevistar vizinhos ou parentes.

Logo após a distribuição dos questionários, alguns estudantes começaram a responder por conta própria, fraudando a pesquisa. Mas uma vez, eu e a professora Isabela aproveitamos o momento para falar da seriedade de um trabalho de pesquisa, neste momento exploramos o assunto e esclarecemos que estas fraudes levam a um resultado falso. Neste momento, o aluno Igor perguntou: “É por isso que quando vemos um resultado de pesquisa pela televisão, o repórter fala sobre a margem de erros?” Achei surpreendente a colocação do Igor, já me sentia realizada com a pesquisa, antes mesmo do seu término.

Observando este cenário concordo com BARBOSA; MOURA que acreditam na promoção de autonomia dos estudantes,

[...] tarefas mentais de alto nível, como análise, síntese e avaliação”: independentemente da estratégia usada para promover a aprendizagem ativa, é essencial que o aluno faça uso de suas funções mentais de pensar, raciocinar, observar, refletir, entender, combinar, dentre outras que, em conjunto, formam a inteligência. Ou seja, a diferença fundamental que caracteriza um ambiente de aprendizagem ativa é a atitude ativa da inteligência, em contraposição à atitude passiva geralmente associada aos métodos tradicionais de ensino (BARBOSA; MOURA, 2014, p.2).

A fase seguinte do trabalho foi analisar os dados coletados. Iniciamos a contagem dos questionários, a tabulação do material empírico e a construção dos gráficos. A professora de Matemática, Edna, sugeriu que a organização da tabela fosse bem simples, devido o grau de dificuldade dos estudantes, tornando o trabalho menos complexo para que os estudantes não perdessem o interesse. A seguir, apresenta alguns dos resultados da pesquisa:

TABELA 1 - Resultado numérico da pesquisa

Gênero	Total de Entrevistados	Autores do Bullying	Vítimas do Bullying	Espectadores do Bullying
Meninos	88	54	19	45
Meninas	82	23	46	41

Fonte: elaborada pela aluna-pesquisadora: Geralda.

FIGURA 8 - Alunos aprendendo a calcular as porcentagens com os dados da pesquisa, com o auxílio da professora Edna de matemática



Fonte: Produzido pela própria autora, 2019.

TABELA 2 - Resultado percentual da pesquisa

Gênero	Entrevistados (total de 170)	Autores do Bullying	Vítimas do Bullying	Espectadores do Bullying
Meninos	52%	31,70%	11%	26%
Meninas	48%	3,50%	27%	24%

Fonte elaborada pelo aluno-pesquisador: Igor

Figura 9 - O aluno Igor expondo os dados coletados na pesquisa, para análise



Fonte: Produzido pela própria autora.

A análise dos dados coletados junto aos alunos mostrou que os meninos praticam mais Bullying que as meninas, “...o modelo de masculino que se impõe sobre meninos” é a reflexão do documentário, O Silêncio dos Homens, e que as meninas sofrem mais Bullying que os meninos. Mostrou também um equilíbrio entre meninos e meninas que participam como espectadores. Outras pesquisas relacionadas ao tema apresentam resultados parecidos.

Quanto ao sexo do agressor, as vítimas relataram que a maioria dos ataques foi realizada por meninos. Os próprios meninos se identificaram mais como agressores do que as meninas. Esses achados corroboram a literatura (Berger, 2007; Lopes, 2005; Olweus, 1993), que aponta para o predomínio do sexo masculino entre os agressores. Esse fato, entretanto, não pode ser indicativo de que os meninos sejam mais agressivos do que as meninas, mas apenas que eles apresentam maior probabilidade de envolvimento em *bullying*. Mais estudos são necessários para determinar as diferenças de gênero no envolvimento de meninos e meninas em situações de *bullying* (BANDEIRA; HUTZ, 2012, p.42).

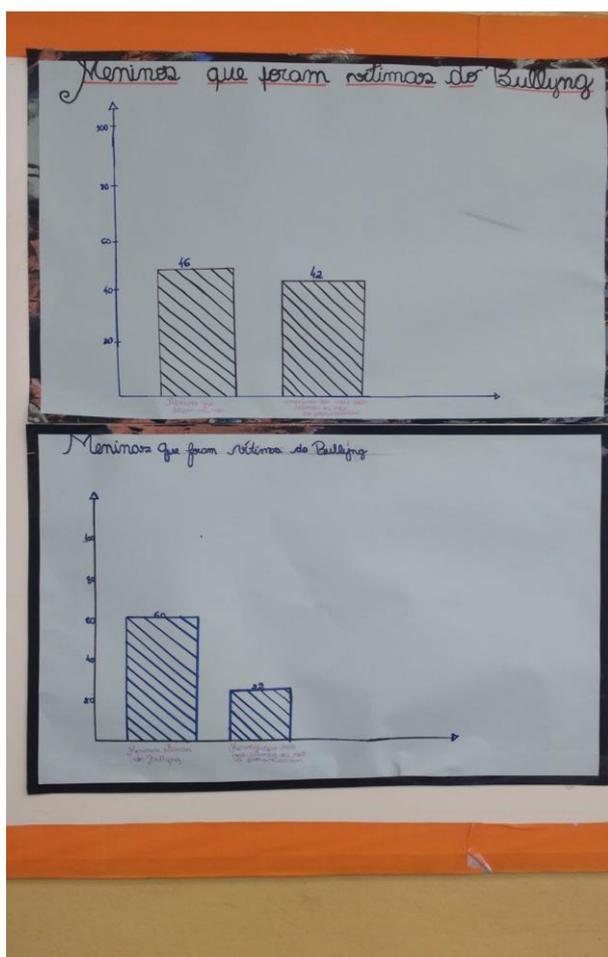
Estes dados levaram os estudantes a uma reflexão e a vários questionamentos, como, por exemplo, que a discriminação contra as mulheres e os diversos casos de feminicídio, podem ter início na infância e na adolescência, já que na escola as meninas sofrem mais Bullying que os meninos. Talvez por vivermos em uma sociedade machista, desde muito cedo,

valores como o respeito ao próximo e as mulheres devem ser trabalhados, se faz necessários ações de prevenção contra o Bullying nas escolas de todo o país. Mas uma vez os estudantes me surpreenderam ao terem esta percepção. Começou uma nova discussão sobre machismo e o direito das mulheres na sociedade que foi difícil retomar o tema. Alguns estudos dizem que:

Os resultados mostraram que o sexo masculino se sobressai diante do sexo feminino nos casos que envolvem esse fenômeno. Isso significa que os meninos se destacam como agressores e como vítimas, e ainda que utilizam mais a força física para intimidar as suas vítimas, enquanto que as meninas utilizam mais a agressão verbal (MATTOS; JAEGER, 2015, p. 258).

Em seguida a professora de matemática usou os dados da pesquisa para desenvolver o ensino de porcentagem e construção e leitura de diferentes tipos de gráficos, que também está em anexo nesse trabalho.

FIGURA 10 - Gráficos confeccionados pelos alunos da turma 801



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Após essa fase, analisamos como o trabalho com a pesquisa de opinião colaborou no processo de aprendizagem dos estudantes da turma 801 em vários pontos. Inicialmente na mudança de disciplina e na aproximação dos alunos com as professoras. Isabela, professora de ciências, relatou que os estudantes perceberam que para discutir qualquer assunto, este tem que ser pesquisado e estudado, disse também que alguns estudantes se tornaram mais assíduos com as tarefas de casa. A professora de matemática relatou que foi mais fácil explicar porcentagem e construir os gráficos após a pesquisa de opinião.

Esse trabalho ajudou a melhorar a confiança de boa parte dos alunos da turma 801. Eles viram que conseguem desenvolver um trabalho, ou melhor, conseguem aprender bem sobre um assunto, mas que para isto é necessário interesse, pesquisa, estudo e dedicação e que as vezes a “preguiça fala mais alto”, conforme fala de um dos alunos, Igor. Alguns me procuraram ao longo da pesquisa para definirmos um novo tema e iniciarmos uma nova pesquisa. Entretanto, solicitei um pouco de calma e para esperar o dia da culminância. Buscando compreender melhor as percepções das professoras em relação ao trabalho desenvolvido, fiz uma entrevista com as três professoras envolvidas no projeto explorando a princípio os seguintes questionamentos:

QUADRO 3 - Questionário com as professoras envolvidas no projeto

1. Qual ano (série) de atuação:
2. Quanto tempo de atuação docente: Quanto tempo na escola:
3. Que impressões você tem sobre a escola?
4. Qual sua relação com os estudantes?
5. Qual sua opinião sobre a aprendizagem e a disciplina na turma?
6. Você já conhecia a metodologia NEPSO?
7. Como foi sua participação no NEPSO (descrever)?
8. Avalie o desenvolvimento da proposta? Quais pontos relevantes você tem a destacar?
9. Avalie a participação dos alunos no desenvolvimento da atividade?

A primeira entrevistada foi a Professora de História, Leila⁴. A professora atua como docente há 8 anos e na EMGEL há 4 anos. A professora relatou que tem uma relação relativamente tranquila com os alunos, pautada pelo diálogo e possibilidade de argumentação de ambos os lados. Mas, que nem sempre foi assim, quando chegou à escola pensou em desistir de dar aulas para aqueles estudantes, achava que era uma “tortura” trabalhar nesta na EMGEL.

O fato de ter que cumprir o estágio probatório fez com que ela permanecesse. Ela percebeu que tinha de encontrar estratégias eficazes e uma linguagem que estivesse de acordo com as necessidades dos alunos. Procurou conhecê-los melhor, na medida do possível. Com essa atitude conseguiu diminuir a resistência entre eles. A professora acha que o alto nível de indisciplina inviabiliza o processo de aprendizagem em quase todas as turmas. Leila participou do processo de elaboração do projeto e a escolha do tema para o desenvolvimento da proposta que utilizou o NEPSO como metodologia.

A professora considerou os seguintes pontos como relevantes:

- A possibilidade de discutir um tema que interfere na qualidade de vida e das relações sociais dentro da escola;
- A busca por informações sobre Bullying veiculada em diferentes meios de comunicação e reflexão sobre como essas informações publicadas podem levar os estudantes e a comunidade escolar a utilizá-las para prevenir e minimizar os efeitos do Bullying;
- Promoveu a autocrítica dos alunos praticantes de Bullying ao mesmo tempo que estimulou aqueles que são vítimas a relatarem as agressões sofridas de forma aberta e sem medo de represália;
- Permitiu também a exploração da questão do desrespeito cometido pelos estudantes contra os professores durante as aulas, algo que foi abordado pelos próprios alunos que participaram do projeto, tendo partido deles o reconhecimento desse fato;

⁴ Nome fictício da professora de História.

- A reflexão sobre os desdobramentos do Bullying como forma de expressão de preconceitos de classe, cor, gênero, entre outros e por último;
- possibilitou trabalhar com os alunos um método de pesquisa bastante empírico, bem como a utilização das informações coletadas para propor ações práticas para coibir o Bullying na EMGEL.

Avaliando a participação dos alunos no desenvolvimento da atividade, a professora fez o seguinte relato:

A participação e interesse dos alunos pelo projeto e envolvimento direto com a proposta surpreendeu os educadores que mediarão a experiência. Sim, realmente esse foi um projeto onde o protagonismo dos alunos foi percebido do início ao fim. Eles não só desenvolveram os pontos elaborados pela Equipe Pedagógica e professores, como também foram capazes de trazer suas demandas e interesses para a consolidação do projeto de modo que esse fosse um registro feito por alunos para alunos. Levando em consideração o perfil de desinteresse, dificuldades de aprendizagem e indisciplina das turmas da Escola Municipal Geraldo Lopes, é certo afirmar que trabalhar o tema do Bullying foi uma ideia que estimulou o senso crítico dos alunos, despertando neles o interesse pela pesquisa, pela entrevista, pela elaboração de relatos espontâneos orais e escritos, e, principalmente, de levar o conhecimento produzido por eles para outras turmas da escola sob forma de palestra, incentivando-os a exporem suas ideias e reflexões ao mesmo tempo em que promoviam uma ação social dentro da EMGEL, onde eles foram os agentes (Relato Prof^a. Leila, 2019).

A segunda entrevista foi realizada com a professora Isabela, de Ciências. Ela está a dezesseis anos atuando como professora e há quatro anos na EMGEL. Vale ressaltar que eu e as professoras envolvidas no projeto entramos na escola no mesmo ano.

A professora Isabela, foi entrevistada no dia 02 de outubro, ela considera a comunidade com alguns problemas sociais, acha que às vezes os alunos se agredem verbal e fisicamente, mas que consegue ter uma relação harmônica com eles, e que a todo momento pondera a forma deles agirem e falarem. Considera os estudantes impulsivos em certos momentos. Constatou que os estudantes têm muitas dificuldades de aprendizagem agravados pelo desinteresse e pela pouca dedicação pelo ensino. Avaliando a participação dos alunos no desenvolvimento da atividade, a professora Isabela fez o seguinte relato:

Atuei orientando os estudantes na análise dos textos introdutórios em rodas de conversas e na aplicação dos questionários. Foi um trabalho que só tem a agregar valores na comunidade escolar. Tivemos momentos muito ricos, quando os alunos foram levados a refletir sobre suas ações e as suas consequências. Se engajaram e desenvolveram o projeto muito bem. É preciso esclarecer, que neste trabalho, foi possível os estudantes externar relatos pessoais e atingir o público alvo (Relato, Profª. Isabela, 2019)

Por último, entrevistei a professora Edna⁵, de Matemática. Há seis anos atuando como docente e há um ano na EMGEL. Em relação à disciplina e a aprendizagem dos estudantes a opinião é a mesma das outras professoras envolvidas no projeto.

Avaliando a participação dos alunos no desenvolvimento da atividade, a professora fez o seguinte relato, afirmou que “os estudantes trabalham melhor e se envolvem mais quando se trata de atividades em grupo, onde tem-se que discutir e argumentar questões adquiridas em pesquisas realizadas por eles”. “Foi possível observar que alguns estudantes apresentaram um potencial e um raciocínio lógico mais desenvolvido que outros estudantes, e que na confecção dos gráficos supriram minhas expectativas”.

Coincidentemente chegou a escola a exposição itinerante de “O Diário de Anne Frank”. O projeto tinha como objetivo trabalhar a discriminação, o holocausto e a segunda guerra. Para apresentar o projeto ficaram evidentes quais professoras que se interessam em trabalhar com projetos.

Durante a implantação do projeto foram escolhidos alguns alunos para participarem de uma formação sobre “O Diário de Anne Frank” e que posteriormente seriam mediadores para explicar para os outros estudantes da escola a vida e a obra de Anne Frank, e seis alunos faziam parte da turma 801. Mais uma vez pude observar que os professores que se inteiraram com a exposição, são os mais novos na escola.

Os professores veteranos se mostraram resistentes as novas práticas e aos trabalhos diferenciados na escola. Seja esse trabalho no formato de exposição, de feira de cultura ou excursões. Difícil saber o que lhes causam

⁵ Nome fictício da professora de Matemática.

esta indiferença, este mal-estar. Quando questionados, dizem que cansaram de tentar e não ter sucesso e que a indisciplina e a falta de respeito dos estudantes para com eles os deixam desanimados.

Ao conversar com as professoras envolvidas no projeto NEPSO, pude concluir que o desenvolvimento do trabalho foi positivo no sentido de que propiciando uma prática diferenciada das adotadas na escola e oferecendo ferramentas novas para quantificar, qualificar e analisar temas do interesse dos estudantes, muitos deles saíram da inércia e conseguiram produzir o que lhes foi proposto.

É importante destacar que a impressão negativa foi se modificando na medida em que o projeto foi se desenvolvendo, mesmo que de forma lenta, para uma visão e perspectiva desalentadora. Para tanto é sempre necessária uma constante revisão das práticas socioeducativas e pedagógicas da instituição (feita pela Direção, Coordenação Pedagógica e Corpo Docente). Compreender que apesar das dificuldades no processo ensino-aprendizado, da falta de interesse e de compromisso dos estudantes, podemos mudar esta realidade que há muito tempo assombra essa comunidade.

Foi prazeroso o desenvolvimento deste projeto, pelo menos sobre alguns aspectos, valeu o esforço e a cobrança por parte das professoras. Levando o estudante a adquirir conhecimento aprofundado sobre um tema. Possibilitando e indicando caminhos para diminuir o desinteresse deles de pesquisar e até mesmo de realizar tarefas nas aulas e em casa.

É possível que os professores(as) consigam possibilitar mudanças a realidade dos estudantes. Mas, para isso, é necessário muito trabalho e dedicação e principalmente credibilidade. Neste sentido, podemos minimizar a desigualdade social dos estudantes da EMGEL.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram observados alguns pontos ao longo desse trabalho que merecem destaque. O primeiro foi conversar com alguns(mas) professor(as) sobre minha pesquisa e pedir apoio. Este talvez foi o grande desafio e, nesse sentido, dialogo com Orsolon (2006), que afirma que

Incentivar práticas curriculares inovadoras: propor ao professor uma prática inovadora é uma tarefa desafiadora para o coordenador, porque conduz a um momento de criação conjunta, ao exercício da liberdade e às possibilidades efetivas de parceria (ORSOLON, 2006, p.24).

Após conseguir apoio de três professoras, foi o momento crucial do trabalho, com qual turma trabalhar. Minha proposta inicial para as professoras foi pegar a turma do 9º ano, pois é a turma que possui os estudantes considerados mais indisciplinados. Entretanto, ao reunir com as professoras, chegamos a conclusão que seria melhor não arriscar, já que o tempo para realização da pesquisa seria limitado. Nessa direção, compartilho do trabalho de Libâneo (2012), que afirma que

Outros estudos têm mostrado a crescente inquietude dos professores sobre como conseguir a motivação dos alunos ou como conter atos de indisciplina. Com bastante frequência, seja devido aos desacordos entre educadores, legisladores e pesquisadores em relação aos objetivos e às funções da escola, seja pela atração exercida pelas orientações dos organismos internacionais, muitas das medidas adotadas pelas políticas oficiais para a educação e o ensino têm o aspecto de soluções evasivas para os problemas educacionais (LIBÂNEO, 2012, p.16).

Como já foi descrito, os estudantes da EMGEL não havia participado antes de trabalhos com pesquisa de opinião. Ao iniciar o trabalho, tive a sensação que a turma não desenvolveria a ação, pois eles estavam tendo dificuldades. No entanto, mesmo com limitações é preciso, segundo ORSOLON (2006, p. 24)

Criar oportunidades e estratégias para que o estudante participe, com opiniões, sugestões e avaliações, do processo de planejamento do trabalho docente é uma forma de tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais significativo para ambos (constam dessas oportunidades espaço nos planos de ensino para unidades decididas pelo grupo, disciplinas eletivas, cuja temática seja construída a partir de sugestões e necessidades dos alunos; espaços para ouvi-los, sistematicamente, a respeito do processo escolar que estão vivenciando, entre outras) (apud MENEZES, 2013, p. 22)

Gostaria de destacar três etapas da pesquisa que mais me chamaram a atenção. A primeira, definição do tema, foi realizada pelos estudantes envolvidos no projeto. Como já foi apresentado, o tema deve ser de interesse da maioria dos estudantes, para que eles possam explorar bastante o assunto e conseqüentemente formular questões e levantar hipóteses.

Após a definição do tema os estudantes devem pesquisar, buscar informações, trocar ideias e escrever sobre o assunto. Foi um momento desafiador, pois os estudantes desta escola têm dificuldades com práticas que exigem pesquisa, leitura e escrita. Foi necessário a interferência da coordenação e das professoras, onde cada uma, de acordo com seu conteúdo deu maior ênfase no que considera de mais importante. Neste processo foi preciso realizar várias intervenções e muita conversa que levassem os estudantes a compreender que não é possível realizar uma pesquisa sem estudos e sem aprofundar os conhecimentos.

Outra etapa importante foi a escolha de quem seriam os entrevistados e elaborar as perguntas do questionário. Para realizar esta etapa levamos alguns questionários como modelo, pois poucos estudantes sabiam o que se pergunta em uma pesquisa de opinião. Foi uma etapa polêmica, pois foi a da execução do trabalho de campo. Foram várias as sugestões para a execução desse processo e nesta etapa também foi possível trabalhar a democracia e o respeito sobre opiniões adversas.

Por último, para trabalhar a análise e interpretação dos dados, a professora de Matemática teve de rever conteúdos antigos, com isso conseguiu diminuir a dificuldade e introduzir a construção e leitura de gráficos. Foi surpreendente a interpretação dos estudantes ao analisar os resultados.

Ademais, gostaria de destacar três pontos relevantes da pesquisa, que a meu ver foram cruciais. O primeiro durante a palestra realizada pelos estudantes do 8º para os estudantes do 5º ano. Eles concluíram que a disciplina é de suma importância para o entendimento do tema abordado, perceberam isto comparando os diferentes grupos que foram assistir a

palestra. Segundo Guimarães (1982), disciplina do aluno visará à plena efetivação do processo de aprendizagem.

O segundo foi quando um aluno começou a responder o questionário, tentando fraudar, e um colega logo ligou o fato aos dados que ele ouviu pela televisão durante as eleições quando o jornalista fala da margem de erro. Apesar da margem de erro ser comum em uma pesquisa de opinião, esta margem pode ser minimizada quando os entrevistados e os entrevistadores são pessoas confiáveis.

Observe-se, portanto, que margem de erro e grau de confiança estão intimamente relacionados. Falar em margem de erro sem mencionar o grau de confiança não tem nenhum significado. É preciso saber qual a probabilidade de que o valor levantado pela amostra seja igual ao valor real do universo com a margem de erro mencionada (KIEHL, 1970, p. 207).

Já o terceiro foi motivo de muito orgulho para mim e as professoras envolvidas no projeto, pois foi quando algumas meninas perceberam durante a construção dos gráficos e cálculo das porcentagens, que a violência contra as mulheres começa desde muito cedo, dentro das escolas, quando observaram a tabela de porcentagem e os gráficos, que as meninas sofrem mais Bullying que os meninos. Percebo também na EMGEL que as meninas são menos respeitadas que os meninos e conseqüentemente são mais inseguras que eles. Vale salientar que essa informação não pode ser analisada apenas de dentro do âmbito escolar, esse dado levantado pelos próprios estudantes ao refletirem e a estrutura cultural e histórica da sociedade no qual a escola está inserida. Dialogando com Faria e Filho (2019, p.1) “À violência contra a mulher não é um fato novo. Pelo contrário, é tão antigo quanto à humanidade. O que é novo, e muito recente, é a preocupação com a superação dessa violência como condição necessária para a construção da nação humana”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse estudo foi investigar o engajamento de alunos e professores ao participarem do desenvolvimento de uma prática orientada pela metodologia NEPSO - Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião. Posso dizer que um dos obstáculos na elaboração da pesquisa foi perceber o aparente desânimo e bloqueio do corpo docente diante de novas propostas. Alguns professores da Escola Municipal Geraldo Lopes, ao meu ver, demonstram certo desinteresse em adotar uma prática nova por não acreditar no envolvimento dos estudantes. Com isso, não inovam suas aulas deixando alguns estudantes desinteressado o que leva a indisciplina. Neste sentido, procurei desenvolver um projeto que poderia potencializar a mudança de visão dos(as) professores(as) em relação ao desinteresse dos estudantes e estimular os estudantes a realizar tarefas e, com isso, fazer da escola um ambiente mais atrativo, interessante e harmonioso.

Para isso, desenvolvi a metodologia NEPSO, “Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião”. Nessa metodologia os estudantes são protagonistas e os professores agem como orientadores. São os estudantes que de uma forma democrática escolhem um tema de interesse da maioria. O tema escolhido pelos próprios alunos foi sobre o Bullying e foram eles que desenvolveram todos os estágios da pesquisa orientados pelas professoras envolvidas no projeto.

No início, da realização da pesquisa, muitos professores se mostraram resistentes diante da implantação do trabalho, alguns recusaram, mas recebi o apoio de outros. Ao longo das etapas três professoras se encantaram pela proposta e pela participação dos estudantes. Percebi que ambas partes, professoras e estudantes reagiram de forma positiva, perceberam que mudando a prática pedagógica, podemos melhorar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa ajudou no relacionamento entre as partes envolvidas, professor-estudante e me fez refletir sobre a importância da coordenação pedagógica no processo ensino-aprendizagem. Conclui que se faz necessário

sair da mesmice, persistir e acreditar que é possível mudar a realidade escolar, principalmente quando existe um trabalho coletivo.

Infelizmente, a coordenação pedagógica exerce múltiplas funções e que muitas vezes a função principal (que é trabalhar junto ao corpo docente de forma a ser um suporte pedagógico) fica em segundo plano devido a tantas demandas estruturais. Perde-se muito tempo organizando horários, substituindo professores, elaborando atividades extras, intervindo para uma melhor disciplina, dialogando com os responsáveis dos estudantes.

A pesquisa foi satisfatória, pois atendeu minhas expectativas e trouxe um novo olhar diante da participação dos estudantes. As professoras envolvidas no projeto, perceberam que podemos despertar o interesse dos estudantes por meio de estudo de temas atuais e que dialogam com a realidade deles.

Em relação aos estudantes, eles me surpreenderam ao longo de toda a pesquisa, tirando conclusões importantes para o processo formativo deles. Eles gostaram da metodologia NEPSO, entenderam como acontecem as pesquisas de opinião, conseguiram fazer os gráficos e calcular as porcentagens com o auxílio da professora de matemática. Até os próprios estudantes ficaram surpresos ao descobrirem que aprenderam a calcular porcentagem, o que era, aos olhos da maioria dos estudantes, difícil de entender.

Um grande retorno dessa pesquisa foi perceber uma maior proximidade dos alunos, com o meu trabalho, passaram a propor temas a serem estudados por eles, querem a continuidade do trabalho relacionado ao Bullying e a outros tipos de violência. Desejam ser multiplicadores de novas ideias interagindo com os dois turnos da escola. Além do ganho pedagógico, a pesquisa teve um ganho subjetivo muito grande, percebi que melhorou a autoestima dos alunos e muitos passaram a acreditar que são capazes de aprender e que podem compartilhar com seus colegas o conhecimento adquirido por eles, quando o tema for explorado e estudado por meio de pesquisas. A pesquisa foi importante não somente para os estudantes, mas

também para mim, senti que meu trabalho pode ser transformador, me trouxe mais ânimo e elevou o meu ego.

Percebo que é possível conciliar as múltiplas funções que o coordenador pedagógico exerce ao processo de ensino-aprendizagem, entretanto não podemos esquecer que esse excesso de funções gera um desgaste físico e emocional muito grande. Não é fácil, mas é possível garantir a qualidade da educação, despertar o interesse nos estudantes e principalmente tirar alguns professores da inércia, levando-os a acreditar novamente na educação.

FIGURA 11 - Exposição do trabalho no mural da escola



Fonte: Produzido pela própria autora, 2019.

REFERÊNCIAS

A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902939 &lang=pt> Acesso em 30 out 2019.

ARAUJO, Denise Alves; DEODATO, André Augusto Artigo. **A pesquisa de opinião nas aulas de matemática:** Reflexões sobre projetos desenvolvidos com alunos do 2º ciclo. [www.ufjf.br › emem › files › 2015/10](http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10)

BASTOS; Josane Aparecida Quintão Romero. **O Mal-Estar Docente, O Adoecimento e as Condições de Trabalho no Exercício do Magistério, no Ensino Fundamental de Betim/Mg.** EDIÇÃO, Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ANO.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **O adolescente como protagonista.** In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. Área de Saúde do Adolescente. Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento. v.1. Brasília, 1999.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática.** Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.

"FILHO; Jadson Santos de Faria. **Vivências de Protagonismo Socioambiental por Jovens: Implicações na Constituição do Sujeito Ético-Político.** Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000200617 &lang=pt> Acesso em: 30 out 2019."

"FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade.** Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/download/1176/1187>. Acesso em: 06 nov 2019.

GIORDAN, André; VECCHI, Gerárd de. **As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KIEHL, Luiz Fernando. **O Tamanho da Amostra na Pesquisa de Mercado.** Disponível em:

<<https://educador.brasilecola.uol.com.br/politica-educacional/protagonismo-juvenil>> Acesso em: 03 nov 19.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2012.

MATTOS, Michele Ziegler de; JAEGER, Angelita Alice. **BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NA ESCOLA.** Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br> › Movimento › article › Movimento, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 349-361, abr./jun. de 2015.

REIS, VALDENI DA SILVA. Posição responsável na língua que ensino/aprendo: análise da relação do professor de inglês com as aulas (de inglês) em um curso de formação continuada. SOLETRAS, v.1, n.35, 2018cesso em: 02 dez 19.

RIVAS, Selena Castelão (Revista FACED). **A mediação na prática cotidiana da coordenação pedagógica.** 15. Ed. Salvador: Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (FAENE), 2009.

ROCHA, Vera Maria da; FERNANDES, Marcos **Henrique Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador.**

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852008000100005>

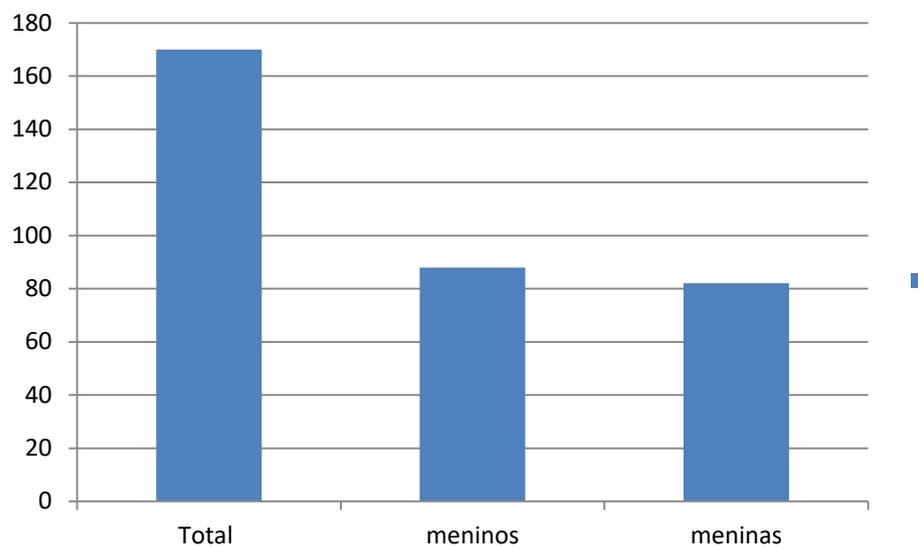
Acesso em: 26 nov 19.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 12. Ed. São Paulo: Libertad Editora, 2009. - (Subsídios Pedagógicos do Libertad; 3)

APÊNDICE

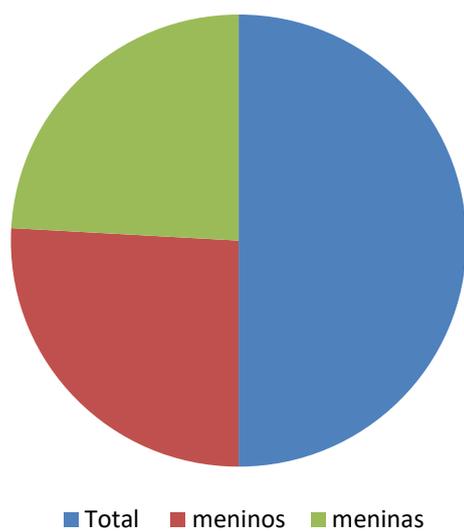
Gráficos elaborados pelos alunos

GRÁFICO 1 - Número de pessoas entrevistadas



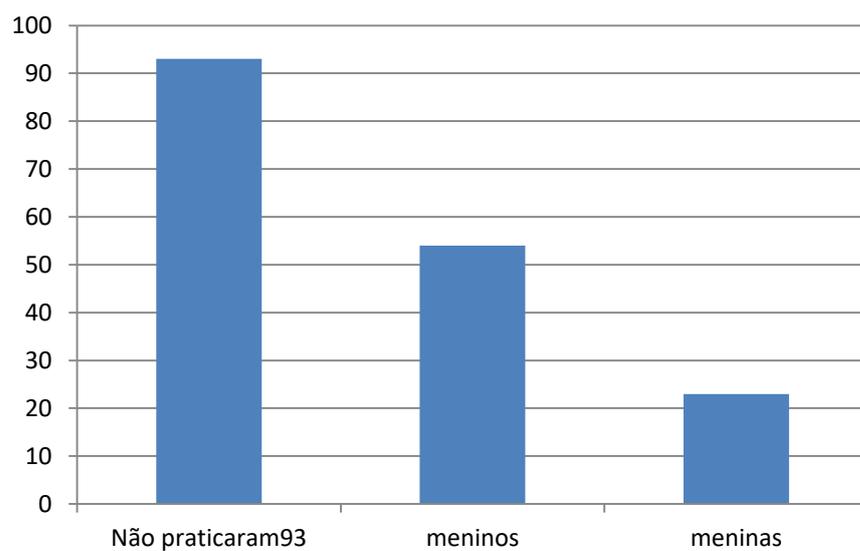
Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

GRÁFICO 2 - Números de pessoas entrevistadas



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

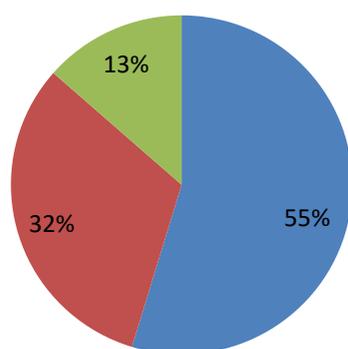
GRÁFICO 3 - Estudantes que praticaram o Bullying



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

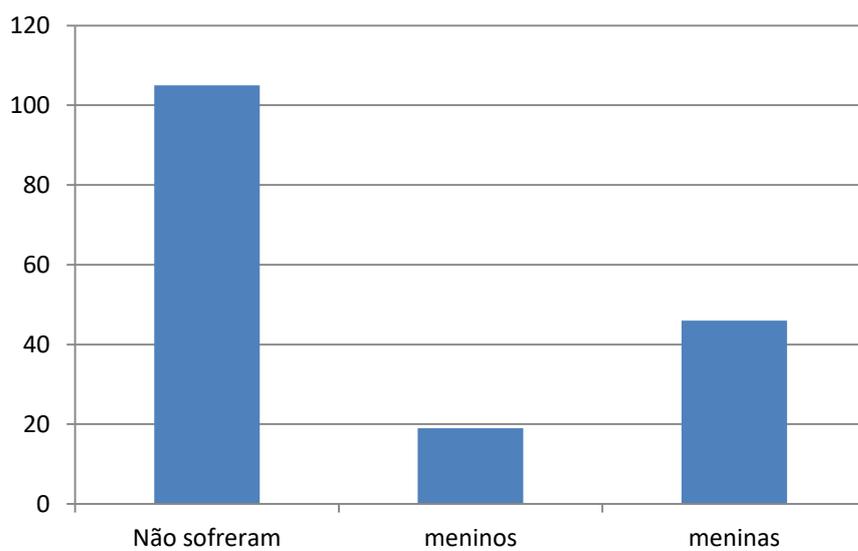
GRÁFICO 4 - Estudantes que praticaram o Bullying

■ Não praticaram93 ■ meninos ■ meninas



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

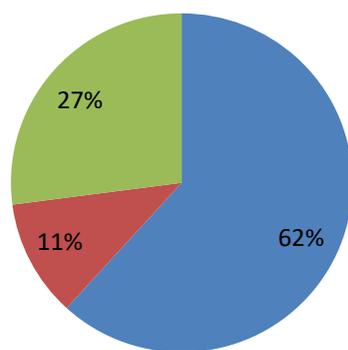
GRÁFICO 5 - Estudantes que foram vítimas do Bullying



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

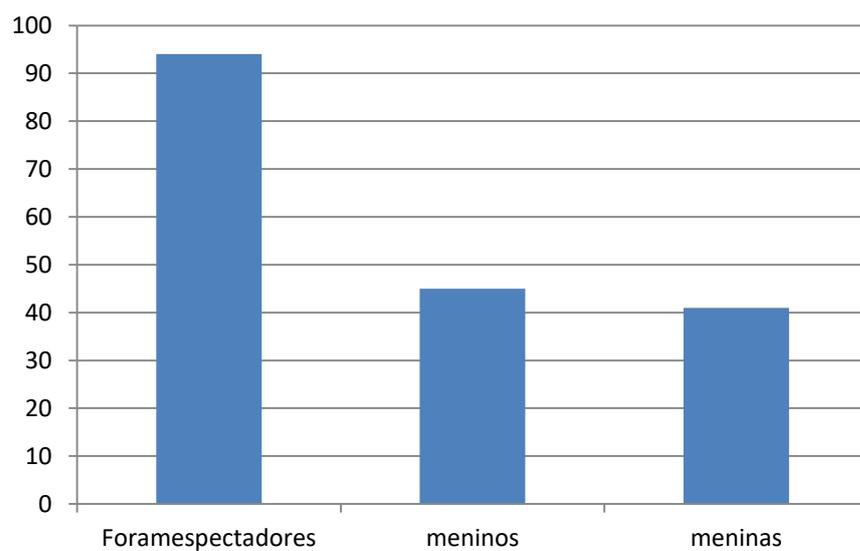
GRÁFICO 6 - Estudantes que foram vítimas do Bullying

■ Não sofreram ■ meninos ■ meninas



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

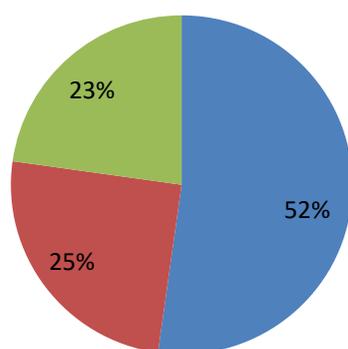
GRÁFICO 7 - Estudantes que atuaram como espectadores do Bullying



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.

GRÁFICO 8 - Estudantes que atuaram como espectadores do Bullying

■ Foramespectadores ■ meninos ■ meninas



Fonte: Elaborado por alunos, 2019.